

Aula Magna:
Opúsculo sobre o modo de Aprender e Estudar
Hugo de São Vítor

Professor Clístenes Hafner Fernandes

(transcrição ainda sem revisão do professor)

Primeira Parte:

Esta é uma aula sobre leitura em que, obviamente, vamos ler. O próprio texto que leremos agora neste final de tarde é sobre leitura e nele estará expresso o porquê e como vamos lê-lo. Este é um texto que fala de muitos textos. Que fala de como devemos ler e encarar os livros, sendo estes os meios pelo qual estudamos e nunca um fim em si mesmo. O estudo das artes liberais é um fim em si mesmo, mas não é disso que vamos tratar aqui. Falaremos sobre leitura, que é o primeiro passo do caminho que nos leva à contemplação. Vamos explicar o que é contemplação e o que há aí no meio do caminho. O que é preciso fazer, partindo da leitura, até que se chegue a esta contemplação.

O nosso autor é Hugo de São Vitor. O mesmo que batiza o nosso Instituto. Nós não éramos tão aprofundados na obra de Hugo de São Vítor e na vida mesma de Hugo de São Vítor quando batizamos o nosso Instituto assim. Mas, ele foi o autor que mais apareceu no nosso primeiro congresso de artes liberais. Como a fundação foi posterior, a fundação institucional do Instituto se deu nas semanas que se seguiram ao nosso primeiro congresso, pegamos o nome de quem mais apareceu, de quem mais foi citado naquele congresso, e batizamos o nosso Instituto. Hugo de São Vítor, não podemos dizer que foi alemão, nasceu na saxônia, região que hoje é a Alemanha. Foi educado ali e depois foi para Paris para continuar os seus estudos. Por fim, ingressa na ordem dos cônegos regulares de São Vítor, uma abadia recém fundada por Guilherme de Champeaux. Essa história é muito interessante e muito bonita. Ali era o centro cultural do mundo de mil anos atrás e dali depende todo o futuro de Paris. A Abadia de São Vitor exerceu uma grande influência sobre todos os estudos em Paris e de Paris dependia o que iria acontecer na filosofia e na cultura geral da Europa a partir de então.

Hugo de São Victor está nesse meio e nele escreveu sua obra mais famosa, talvez não a maior em importância, que é o Didascalicon, que também trata da arte de ler. Ele escreveu também este opúsculo que estudaremos hoje, encontrado entre os seus escritos, que é uma série de regras e dicas explicativas, porém bastante práticas, para o estudante iniciante, mas que aqueles que se dedicam a estudar há alguns anos precisam também ter presente em sua vida de estudos, pois essas regras ainda são as melhores que temos para o assunto. Ainda não surgiu nada melhor. Pode-se dizer que dicas boas de estudo nada mais são do que isso aqui com outros nomes, aprofundando certas coisas, batizando outras, ou subdividindo certos temas. Mas a verdade é que Hugo de São Victor participa de toda uma cultura muito anterior. Ele é o corolário, digamos assim, após o ano 1000, dessa tradição de estudo e de cultivo da alma. É a ele que dedicaremos essa aula.

Aproveitando que há bastante gente assistindo, mais do que eu esperava pela situação que o Brasil vive hoje, agradeço de coração a todos que estão aqui, que já são 60 pessoas.

Vamos dividir essa aula em duas partes. Peço, então, que se ajeite e pegue um café quem quiser assistir. A primeira parte vai até às 18:00 horas de Brasília, onde vamos ler o texto e comentar. Depois, uma segunda parte onde terei anotado algumas perguntas e as responderei. Vocês também podem fazer perguntas por aqui mesmo. Eu não vou olhar e ler automaticamente, mas o meu colega que vai anotar essas perguntas. No intervalo que faremos de dois ou três minutos entre essas duas aulas, ele vai me passar suas dúvidas, dicas ou qualquer comentário. Podem perguntar, pois, às 18:00 horas faremos outra transmissão. Até porquê o Instagram não deixa transmitir mais de uma hora.

Opúsculo é um texto curto. É uma “obrinha”. *Opus* é uma obra, então, um trabalho. Opúsculo é uma pequena obra, um trabalhinho. É um textinho, que neste caso é sobre o método de meditar e aprender, ou de aprender e meditar. *Discendi*, do verbo *discere*, de onde vem a nossa palavra discípulo, é a melhor palavra que temos em latim para aluno. Mas que faz o aluno? Ele aprende. Então, a tradução mais direta de discípulo é um aprendedor, aquele que está ali para aprender. E *meditandi* é quem medita. Meditar é uma palavra bastante difundida hoje em dia, principalmente em meios orientalizantes onde se fala de meditação transcendental. Temos, entretanto, essa palavra dentro da cultura ocidental e ela se refere a outra coisa. Sobre essa coisa, nós vamos encontrar aqui uma explicação do que se trata. A propósito, vocês têm a possibilidade de no site do Instituto Hugo de São Vitor baixar este texto em PDF, um ebook editado que ficou muito bonito e que contém esta tradução que fiz para que pudéssemos ter acesso ao texto.

O primeiro ponto que o aluno deve prestar atenção, qualquer pessoa de estudos, pois estamos aqui falando de nós todos enquanto alunos, enquanto pessoas que aprendem e não só para os estão oficialmente nesse estado de aluno, é a humildade. ***“A humildade é necessária quem quer aprender”*** Esta é uma palavra que tem diversas conotações dentro da nossa cultura. Nós temos por humilde, normalmente, aquela pessoa meio mole, ou que é tímida, ou sem recursos financeiros, ou sem cultura, ou qualquer coisa assim. Enquanto a humildade não tem nada a ver com a exterioridade do indivíduo ou como ele aparenta ser, a não ser por uma analogia. A humildade, tem sim, a ver com húmus. Tem a ver com lembrar-se húmus, lembrar que viemos do pó, que somos feitos de barro. Este é o sentido que essa palavra assume dentro do cristianismo principalmente.

“O princípio do aprendizado é a humildade,” nos diz aqui Hugo de São Vitor ***“e muita coisa tem sido escrita sobre ela.”*** Sobre a humildade, todo mundo fala, já desde o século XII.

“Há três coisas endereçadas ao estudante. Primeira: não tenhas como vil nenhuma ciência e nada que tenha sido escrito; segunda: não te envergonhes de aprender com qualquer pessoa; terceira: quando possuíres ciência, não desprezes quem não a tem.” A primeira coisa que temos de falar é que Hugo São Vitor não vive no tempo da internet e nem mesmo em um tempo com bibliotecas gigantescas onde todo sujeito que escrevia uma tese ou publicava livros enchia essas bibliotecas de todos os tipos de publicações, seja lá quais forem os assuntos. Os livros que existiam nas bibliotecas eram realmente aqueles de maior importância, aqueles que, depois, chamaremos de clássicos.

Não era costume de um estudante ou de um intelectual da antiguidade, da idade média, e até mesmo do renascimento, ler muito. Temos um relato de René Descartes de que ele era um homem de grande leitura, um homem de grande cultura e ele só tinha cem livros. Ele como indivíduo já tinha muita coisa. Era muito possuir cem livros. Ele deve ter lido mais do que isso, mas não muito mais provavelmente. E aqueles cem livros que ele possuía, já os tinha praticamente memorizado. Falaremos um pouco mais sobre a memória porque Hugo de São Vitor nos lembra de sua grande importância.

Ele nos pede que não tenhamos nenhuma ciência como vil. Então, tudo o que existe merece ser aprendido? Se ele está falando para o seu tempo, cujo contexto é outro, para nós isso não é válido? Realmente, temos que hoje em dia fazer uma grande seleção dentre as coisas que existem. Nós não conseguimos nos dedicar a todo o conhecimento humano produzido. Se lêssemos 12 ou 15 horas por dia, ao final de um mês teríamos de fazer uma notação científica para descrever a porcentagem daquilo que teremos visto de tudo que existe no mundo. Precisamos realmente, lendo este texto, analisar o que se está dizendo. Saber que há algo para além do sentido exato que está aqui. O que nós não podemos é simplesmente desconsiderar. “Ah, mas isto aqui funcionava na época dele e na nossa não funciona, então vou esquecer essa primeira coisa endereçada ao estudante que Hugo de São Vitor escreve.” Não, pois ele sabia a importância disso. Primeira coisa, se ele estava gastando o papel e tinta para escrever é porque aquilo era de suma importância. Se era de suma importância, era atemporal. Hugo de São Vitor é um daqueles autores que fazem isso: “olha, vou escrever. Vou gastar papel. Papel é caro. Então, tenho que escrever algo sério.” Do fundo do coração, com toda sinceridade, ele escreveu isso. E aí vamos deixar de prestar atenção no que ele escreveu porque: “na nossa época já não é assim”? Não! Vamos tentar compreender essa simples frase: “não tenhas como vil nenhuma ciência e nada que tenha sido escrito.” Vamos tentar compreender isso com o máximo de bom senso e senso das proporções possível.

Primeiro, até essa época, quase tudo que foi escrito não merece ser tido por nós como vil, pois as coisas que eram escritas eram coisas sérias. As pessoas não escreviam piadinhas. Não havia artigos de jornal. Não tinha nada disso. Não tinha teses publicadas só porque o cara precisava de um diploma. Ainda não havia universidades. Isso aqui é um pouco antes da universidade. Realmente, o que estava escrito era muito sério, então, tudo que existir dentro desse período, praticamente, é de suma importância para nós. Vamos ter grande proveito e seremos muito beneficiados, se prestarmos atenção em todos esses textos que foram escritos até o surgimento da Universidade, e até um pouquinho mais, mais ou menos até a invenção da Imprensa. Tudo que existe escrito, todo material que podemos encontrar em livro publicado nesse período, não pode ser tomado como vil. Porque papel é caro, escrever é caro e pagar alguém para copiar é caro. Então, essa é uma das coisas que podemos tirar dessa simples frase.

“Segunda: não te envergonhes de aprender com qualquer pessoa”. Isso é bastante óbvio, porém, é claro, ele não está falando “qualquer pessoa, qualquer maluco, que chega para ti, tu tens que prestar atenção, levá-lo a sério indiscriminadamente.” Não! Mas, posso, e eu preciso, exercitando a humildade, reconhecer que mesmo malucos e ignorantes podem me ensinar, pois, ninguém é ignorante de todo e ninguém é maluco de todo. Todas as experiências e todas as pessoas que acabam cruzando a minha frente, realmente podem ter algo a me ensinar. Normalmente, quando penso: “não quero nem papo com ele”, “não quero nem ler o que ele escreveu”, “não quero nem saber o que ele quer dizer”, é por falta de humildade, por soberba. “Ah, eu já vi que aquele cara não sabe de nada”, e aqui Hugo de São Vitor está dizendo: “cala a boca e presta atenção minimamente no que ele está querendo dizer.”

“Terceira: quando possuírem ciência não despreze quem não a tem.” Uma coisa bastante óbvia e que vemos todos os dias. Hugo de São Vitor escreve isso com a noção de que alguém que está estudando é porque irá ensinar. Não que esse seja o fim. Ele não está dizendo, assim como brincávamos na época quando eu estudava música, que não tinha nenhum motivo para estar ali, pagávamos um professor de música que iria nos ensinar música, mas para que pudéssemos sobreviver teríamos que também ensinar música e virava assim o ciclo eterno e nunca sairia um músico, só professores de música. Isso era mentira, por um lado era verdade, mas por outro também era mentira, pois estávamos dizendo assim: “não havia ninguém que

sobrevivesse sem lecionar”, quando, no fim, sempre há gente que leve a vida de músico mesmo sem ensinar, mesmo sem precisar ensinar. E há muita gente que realmente se dedica ao ensino porque vê a sua vocação nisso. Não é sobre esse aspecto. Hugo de São Vitor, entretanto, não concebe, nem ele e nem muitos outros, alguém que estude e não ensine. Isso não é concebível, pois ele estava no meio da idade média. Já temos mil anos de cristianismo e ensinar é um dever grave do cristão. Ensinar os ignorantes é um dever grave. São Paulo diz: *“ai de mim se eu não evangelizar.”* E, se sei alguma coisa, se conheço a Cristo, tenho obrigação de ensinar. E quando toda a cultura está a serviço da mensagem cristã, a serviço do Evangelho, a serviço da Boa Nova, passa a ser não só a pregação do evangelho, mas sim tudo. Tudo está a serviço! O estudo está a serviço do maior e mais profundo conhecimento de Deus e de seu filho o Verbo encarnado.

Se alguém tem aula de catequese hoje, a pessoa não sai dali pensando: “pronto, agora eu também tenho que passar adiante isso aqui.” Faz muito tempo que é assim. Se vemos alguém que não tem ou não conhece a Cristo, o mais natural seria que apresentássemos e falássemos de Cristo para essa pessoa. E na Idade Média, falar de Cristo, não é só falar de Cristo, mas é falar de tudo o que vem em conjunto, que é toda uma cultura de ciência, de ciência que vem dos pagãos.

Ensinar geometria para os bárbaros, é Evangelizar! Ensinar e estudar, aprender e ensinar, é mais ou menos a mesma coisa. Se está falando assim: “o estudante é alguém que está se preparando para conhecer a verdade, tem uma vocação intelectual.” Mas nunca é dito assim: “essa pessoa terá o dever de ensinar.” Pois, isso é bastante óbvio. Aparece nos textos, nas entrelinhas, em diversos autores do período que aprender e ensinar são coisas intimamente ligadas.

Então, a primeira coisa é que a humildade é necessária ao estudante e que ela é vivida desses três modos: não tendo como vil as ciências, os conhecimentos humanos, não desprezando esses conhecimentos. “Ah, eu não gosto disso!” “Ah, eu gosto daquilo!” Não! Eu vou me dedicar a isso, tudo bem, pois eu não posso estudar tudo, mas não ter como vil as ciências que são verdadeiras, as artes que são verdadeiras e que funcionam. E principalmente estes textos antigos escritos por pessoas que sabiam dessa obrigação que tinham em escrever certas coisas que eles sabiam que deveriam ensinar e sabemos que se foi escrito é porque não é vil.

“Há muitos que erram por precocemente quererem parecer sábios e por isto têm vergonha de aprender o que não sabem com os outros. Tu, meu filho, aprende com boa vontade de todos tudo aquilo que não sabes. Serás assim o mais sábio de todos, se buscares aprender de todos.” Isso é uma paráfrase do Evangelho, não é? “Os últimos serão os primeiros.” “Os humildes serão exaltados.” A vida de São Tomás, por exemplo, que é posterior a Hugo de São Vitor, reflete bem isso. Em uma anedota de um episódio de sua vida, ele é retratado como o aluno gordinho que sentava no fundo da sala de aula, quieto (o boi mudo era como chamavam ele), nunca falava nada. E havia um aluno, bastante talentoso, que se ofereceu para ajudá-lo como repetidor. Está era uma prática bastante interessante. E disse: “eu vou te ajudar com as matérias que você tem dificuldade.” E São Tomás: “Eu realmente tenho muitas dúvidas! Na aula e nas leituras o professor lê os textos e as Sagradas Escrituras, os explica, mas mesmo assim ficam muitas dúvidas ainda.” Então, ele vai atrás desse colega, se encontra com ele e começa a expor as suas dúvidas, suas hipóteses e as suas formas de resolver aquelas questões filosóficas e teológicas. O colega, então, conclui: “olha, é tu que tem que ser o meu repetidor, pois eu pensava que estava entendendo tudo, mas, na verdade, agora vejo que eu não tinha entendido nada.” Então, São Tomás é prova viva desse conselho de Hugo de São Vitor.

“Não tenhas por vil a nenhuma ciência, porque toda ciência é boa. Não desprezes nada do que já foi escrito, ou, pelo menos, nenhuma lei que estiver à disposição.” Nenhuma Lei é nenhuma Escritura, nenhuma das Sagradas Escrituras. Lei normalmente é passada assim.

Eu deixei Lei na tradução, mas quando se fala em Lei se está referindo, normalmente, aos livros da Bíblia. “Ah, eu li aquele livro de Rute e não gostei, achei muito chato.” “Mas essas árvores genealógicas intermináveis não servem para nada.” Não! Se está ali é por um motivo e nós temos que estudar e meditar nelas.

“Se não ganhares nada com isso, pelo menos não perderás nada.” Ele não acredita nessa coisa de “eu vou perder tempo.” Parece que na vida de um medieval, Hugo de São Vitor morreu cedo, São Tomás também morreu cedo, mesmo vivendo muito menos que nós, ele não tinha muita preocupação com perder tempo, se ele fosse aplicado ao estudo. “Poderia ser outro livro.” “Em vez de estar lendo isso, poderia estar lendo aquilo outro.” Parece não existir esta preocupação, até pela escassez de material. Então, se a pessoa tinha um livro em mãos, ele realmente era um livro bom e era algo importante.

“Diz o Apóstolo: ‘Omnia legentes, quae bona sunt tenentes’.” Este é o versículo citado de I Tessalonicenses.V.XXI. onde diz: “Provai de tudo e ficai com que é bom.” Lede de tudo. O negócio é realmente poder discernir. Esse discernimento é o mais importante. Então, “provar de tudo e ficai com o que é bom” seria a tradução mais comum que há por aí.

“O bom leitor deve ser humilde e manso, de todo alheio às preocupações mundanas e às tentações do prazer, e dedicado a aprender de todos com boa vontade. Não tenhas tua ciência em alta conta; não queiras parecer erudito, mas sê erudito de fato. Conhece as sentenças dos sábios, e procura ter sempre os seus exemplos diante dos olhos da mente, como em um espelho.” Quando o Nosso Senhor diz: “aprendei de mim”, ele não diz: “aprendei de mim porque sou filho de Deus.” Estaria certo, temos que aprender dele porque ele é o filho de Deus. Mas ele não diz. Ele não diz: “aprendei de mim porque sou taumaturgo, faço Milagres.” Não! Ele também não diz: “aprendei de mim porque ressuscitarei no terceiro dia.” Não! Quando é para aprender, Nosso Senhor diz: “aprendei de mim, pois sou manso e humilde.” Como devemos aprender? Com mansidão e humildade. É isso aqui que Hugo de São Vitor nos diz mesmo que ele não esteja citando. Os medievais, diferentemente de nós, não ficam citando as coisas a exaustão, o que torna o texto quase ilegível. E se torna muito mais interessante, porque quanto mais avançamos nas leituras e nos estudos, vemos essas paráfrases e essas citações quase que diretas dessas quase cópias. Quando é uma citação em que há a evocação do autor, como na frase anterior, “diz o apóstolo”, é para evocar autoridade. É uma figura de linguagem e de retórica. Mas, é isso aqui: “o leitor deve ser humilde e manso, assim como o senhor disse: aprendei de mim que sou manso e humilde de coração.”

Então, ele diz: **“de todo alheio às preocupações mundanas e às tentações do prazer, e dedicado a aprender de todos com boa vontade.”** Ele fala da vontade e onde ela deve estar focada. Esta vontade deve ser boa e não estar focada nas preocupações mundanas, porque isso não é papel do estudante. Ele não diz aqui que o estudante deve ser alguém que não tenha ofícios mundanos e nem tentações. Não! Ele deve pôr a sua vontade, a sua boa vontade, para justamente vencer estas tentações.

“Não tenhas tua ciência em alta conta”, ou seja, seja humilde! Tu não sabes nada. **“Não queiras parecer erudito, mas sê erudito de fato.”** A erudição é uma coisa boa. O problema é querer aparecer erudito, se mostrar erudito aos outros, ou querer estudar para ser erudito diante dos outros. É o que eu sempre repito para quem tem acompanhado o trabalho, se alguém chegar com essa intenção para um professor, eu acho que o professor deve abraçá-lo e ensinar esse caminho de Hugo São Vitor aos poucos. E não cortar os seus embalos. “Ah, não! Você quer só aparecer erudito, eu não vou te ajudar, não vou te ensinar.” Daí ele nunca vai conseguir sair disso. A missão do professor, uma das mais importantes inclusive, é conseguir retificar a intenção no aluno de acordo com as suas aspirações. Se o cara quer ser um erudito: “Ah, eu quero ler muito! Quero conhecer tudo, pois aí eu vou ser o bom, o gostoso e então todo mundo vai me olhar.” “Tá ótimo! Vamos lá! Vamos seguir então! Então leia isso aqui...” e assim a coisa vai se encaminhando. Mas, nunca podar esse tipo de motivação. Até

grandes santos, como Santo Inácio, tiveram motivações tortas para sua conversão e tiveram que aos poucos ser retificados. *“Conhece as sentenças dos sábios”, ou seja, estuda a tradição, estude os clássicos! Procura ter esses exemplos dos sábios diante dos olhos e se espelhar nesses sábios.*

“Três coisas são necessárias ao estudante: a natureza, o exercício e a disciplina. É preciso que, por sua natureza, ele perceba facilmente o que ouviu e retenha definitivamente o que percebeu.” Então, existe um elemento da natureza humana que faz com que a pessoa já tenda aos estudos. Isso faz parte da vocação. É claro que temos até aspectos físicos que nos permitem isso. Assim, toda a nossa criação, todo nosso passado, o ambiente em que vivemos desde a infância, tudo isso forma essa nossa natureza, assim como um vento, que é algo da natureza externa, bate em uma árvore constantemente e acaba fazendo com que os galhos dessa árvore tendam para algum lado. Está fora da natureza da árvore tender para um lado se não ventar muito e é assim com a natureza com a qual nascemos e que vai sendo influenciada pelo nosso entorno. Essa natureza nos facilita ou nos prejudica, e, obviamente, em diferentes níveis. Todos conhecemos gente muito mais inteligente, muito mais provida de uma natureza melhor, se é que isso é possível, que a nossa. Então, é preciso ter uma natureza de estudante, é isso que nos diz Hugo de São Vitor.

“É preciso que, pelo exercício, cultive a tendência natural ao trabalho diligente.” É normal trabalhar, é natural trabalhar diligentemente. O homem tende a trabalhar diligentemente, mas se não se exercitar, de nada serve. Isso, então, deve ser algo constante. Assim como os músculos que não foram exercitados acabam por atrofiar, também a nossa própria inteligência, nossa própria cultura no seu mais amplo e alto sentido. ***“É preciso que, pela disciplina, viva de forma louvável, e ajunte os costumes à ciência.”*** De nada adianta eu sair do meu gabinete de estudos e não viver nas situações mais triviais do dia a dia aquilo que estou estudando e aquilo que aprendi. Se não for para isso, de nada vale.

“Ter em alta conta o engenho e a memória.” Vamos falar um pouco de engenho também. Essa é uma palavra que nós não usamos mais. Hoje em dia dizemos várias coisas que seriam engenho. Criatividade pode ser Engenho. Inteligência pode ser também engenho. Essa palavra que aparece em português como engenho, da qual virá engenharia, engenho de açúcar, todas elas têm essa mesma origem na palavra latina *ingenium*. E memória é realmente o que todos sabemos e que Hugo de São Vitor trabalha bastante e traz uma técnica de memória que ele desenvolve bastante.

“Quem se dedica aos estudos deve primar pelo engenho e pela memória ao mesmo tempo, pois eles estão unidos entre si em todo estudo, de maneira que se um faltar, o outro não levará ninguém à perfeição, da mesma forma como ninguém aproveita suas riquezas se não houver quem as guarde; e de nada adianta construir cofres quando não se tem o que neles guardar.” Então, é importante ter a criatividade. A criatividade não é tirar coisa do nada e inventar ideias estapafúrdias. É poder interpretar e fazer correlações de um assunto que estudo com outros. São essas coisas que pertence ao engenho. Não é criar e inventar novas imagens do nada, mas, por saber que nós não conseguimos criar nada como Deus cria a partir de sua simples palavra, a partir do verbo, a partir do seu falar, isso nós não fazemos, conseguir juntar uma coisa com a outra e formar uma terceira. Mas, essa coisa e a outra são coisas que já existem.

Assim são os estudos. “Ah, tive uma ideia única que nunca ninguém tinha pensado.” Normalmente, é uma ideia somada com outra, ou três ideias somadas, ou uma síntese que existe entre alguma coisa. Mas, isso é o engenho. Isso é a criatividade. É uma brincadeira de Deus, pois só quem cria é Deus e isso está muito presente na consciência de todos os autores cristãos. Só quem cria é Deus e nós estamos brincando de fazer isso. Brincando de criar. Isto é a criatividade. Isto é o engenho. Isto é a inteligência. Isto é talento. Engenho pode ser traduzido como talento, como Camões diz normalmente “engenho e arte”, que seria “talento e arte”. “Se

não me faltar engenho e arte.” “Eu vou cantar, vou escrever Os Lusíadas, se não me faltar talento, criatividade, inteligência e técnica, e exercício, e disciplina, que são próprios da arte, dos preceitos da arte, mais do que dessa questão natural que nós já nascemos.

Depois, é importante ter a memória, pois de nada adianta eu ter boas ideias se depois vou esquecer. Então, se eu não cultivar a memória, não adianta brotar as mais brilhantes ideias. As mais brilhantes soluções para os problemas sejam lá quais forem. Se eu não conseguir memorizar aquilo. Pois, normalmente essas ideias não vem no momento em que tenho onde anotar. E é importante eu ter a memória até para poder construir ideias mais elevadas ainda e entender as coisas da forma que seja a mais elevada possível.

“O engenho é uma força naturalmente presente na alma que vale por si só. A memória é a percepção mais firme, por parte da alma ou da mente, das coisas, das palavras, das frases e dos significados. O que o engenho descobre, a memória guarda.” Veja aqui descobrir. Quando dizemos inventar, nós normalmente estamos falando de criações: o inventor do avião, ou o inventor do telefone, etc. *Invenire*, em latim, significa encontrar. Descobrir, também. Não há uma diferença muito grande. Mas, é como se a concepção e a cosmovisão que faz uso desse tipo de verbo que paramos de usar, é como se dissesse: não tem como Inventar nada, na verdade, até os inventos são descobertas, pois, essas coisas já existem em potência e o que faço é atualizar essa potência.” Nada mais é do que isso. A eletricidade pode ser descoberta e dominada, mas não pode ser inventada. As ondas de rádio também não podem ser inventadas, elas já existem em potência. Tudo que eu fizer, mesmo que eu seja quem batize e domine os meios de produzir aquilo, sou um inventor, não sou o criador, usando coisas que já existem e valendo-me dos fenômenos naturais que já existem, já em potência. Ainda não foram atualizados, mas em potência já existem. Então, a criatividade, a inteligência, o talento, eles descobrem, eles inventam, nesses dois sentidos. E temos que entender esses dois sentidos. O de se descobrir como entender, dominar, criar e inventar. Tudo isso junto. Mas, é importante, por outro lado, que haja memória porque senão não consigo dar mais passos, todo dia vai ser o meu primeiro dia de aula, meu primeiro dia de estudos, se eu não tiver a memória bem cultivada e se eu não me esforçar por memorizar tudo aquilo que vou gradualmente aprendendo e descobrindo. Como alguém que descobre o próprio texto do Hugo de São Vitor e só o faz quando realmente entende. ***“O engenho vem da natureza, é auxiliado pela prática, é estafado pelo trabalho sem moderação e aprimorado pelo exercício com moderação. O exercício de memorizar e de meditar continuamente é o melhor auxílio e o que dá mais segurança à memória. Há duas coisas que exercitam o engenho: a leitura e a meditação.”*** E agora é o ponto mais importante aqui do nosso texto.

“Mediante as regras e os preceitos da leitura, somos educados pelas coisas escritas. A leitura é também uma investigação do sentido por uma alma disciplinada. Há três gêneros de leitura: a leitura daquele que ensina, a daquele que aprende e a daquele que estuda por si mesmo. É por isso que dizemos ‘Leio o livro ao aluno’”; como estou fazendo agora: estou lendo o livro para vocês, mesmo que não tenham o livro diante dos olhos; ***“leio o livro a partir do professor”***; e vocês fazem isso enquanto leio na função de professor; ***“ou simplesmente ‘leio o livro’”***; quando vocês, ou eu, leem um livro, sozinhos. Pus uma breve nota aqui: ***“A escassez de livros antes da invenção da imprensa fazia com que existisse a necessidade de um professor ou lente para ler obras inteiras em voz alta e as explicar.”*** Em muitas edições antigas têm o currículo do autor e está lá “lente de filosofia”, “lente de literatura”, etc. O lente é justamente aquele que lê. Vem do participio em latim do qual surgiu essa palavra lente. E continua: ***“De outra forma, não haveria como todos vencerem as leituras propostas em currículo, já que na maioria das escolas era raro haver mais de um exemplar da mesma obra.”*** O professor, às vezes numa escola hoje em dia, nas bibliotecas, tem 20 ou 30 exemplares de um mesmo livro, que todos os alunos de um determinado curso podem pegar

cada uma cópia emprestada e terem todos os livros ali para a aula e para estudar em casa. Mas, na época desse texto não era assim. Se São Tomás conhecia Aristóteles, normalmente, esse conhecimento dele era basicamente de estar nas aulas de Santo Alberto Magno. Alberto Magno tinha o volume da metafísica, ou seja, lá do que for, e ele lia aquele livro e comentava, como estou fazendo agora. Parece uma aula, hoje em dia, de pouca didática, dirá alguns. Mas, é essa a aula que Hugo de São Vitor estava acostumado. É essa era a aula que tanto outros sábios da antiguidade e da idade média presenciaram.

Agora, vamos falar sobre a meditação. ***“Meditar é pensar frequentemente nas ideias e investigar com prudência as causas e as origens, o modo e a utilidade de cada uma das coisas. O princípio da meditação é a leitura.”*** Isso aqui quase não faz sentido para nós. Hoje em dia, nunca se pensa, quando se fala em meditar, em alguém com um livro na mão lendo. Nós, para aprender, temos os livros, sejam livros que temos em mãos, os livros de papel, no computador, seja o livro da natureza e as coisas. Sempre que se falar em leitura na Idade Média, normalmente se está falando num sentido mais amplo de leitura. Não somente de ler letras, mas de olhar para as coisas e lê-las. Prestar atenção nelas. Assim como vamos desvendando o sentido das palavras, conforme vamos lendo uma frase, olhar para as coisas é ver, também, esse mesmo sentido, essa mesma ordem, essa mesma relação que há entre todas as coisas. Isto é o princípio da meditação.

“Mas, a meditação não é realizada pelas regras ou preceitos da leitura.” As regras preceitos da Leitura são, primeiramente, as regras da fonologia, o som das letras. Depois, as regras da morfologia, como se formam as palavras. Da ortografia, como elas devem ser escritas corretamente. Depois, da sintaxe. E por aí afora. Essas são regras de leitura e de escrita com correção. E é onde vemos o que cada coisa significa no seu sentido mais baixo. Mas, após isso, vamos começar a ir a outros níveis de leitura. Poderemos falar mais disso em outras aulas. E nesses outros níveis, temos a meditação. No caso, os seus dois níveis centrais. Teremos, primeiramente, a leitura mais elementar, depois, temos a leitura alegórica e a leitura moral. E é essa a leitura que nós temos que prestar atenção quando falamos na meditação.

“Na meditação, apraz-nos discorrer por um tipo de espaço aberto, no qual focamos na verdade para contemplá-la, admirando ora uma, ora outra daquelas causas, e penetramos no que nelas há de mais profundo buscando não deixar espaço para a dúvida ou para a obscuridade.” Esse parágrafo é o maior inimigo que há do leitor rápido, da leitura dinâmica, do devorador de livros, daquele que lê 80 livros em dois meses. Essa aqui é a leitura calma. É a leitura de textos importantes. Dos textos que não vão ser tidos como vis. O que fazemos com os outros textos, que não são os clássicos formadores do cânone da cultura ocidental, pode ser ler com leitura dinâmica e pulando páginas. Os outros textos, de Homero à São Tomás de Aquino. E ainda mais adiante. Esses nós vamos ler com calma. Como? Vamos ***“discorrer por um tipo de espaço aberto, no qual focamos na verdade”*** para que depois disso possamos ***“contemplá-la, admirando ora uma, ora outra daquelas causas, e penetramos no que nelas há de mais profundo buscando não deixar espaço para a dúvida ou para a obscuridade.”*** Se for o caso, vamos recorrer ao dicionário porque não entendemos uma palavra. Se for o caso, vamos recorrer a notas de rodapé que existem ali no livro e vamos atrás das preferências que são dadas. Mas, um livro desses, um texto importante, como são as Sagradas Escrituras, como são Platão e Aristóteles, como são os livros dos Padres da igreja, são feitos para serem lidos e relidos. E, parte por parte, frase por frase, ser meditados. Nada há ali que foi escrito em vão. Os textos antigos parecem às vezes ser difíceis de ler, pois, é bem pouca coisa escrita. Como eu disse: papel é caro, é difícil de achar e tinha que dar um jeito de escrever. Então, “enxugando tudo, o máximo possível, e vamos dizer realmente aquilo que importa.” Não há espaço para grandes ampliações dos temas.

“Portanto, o princípio do conhecimento está na leitura e o seu fim é a meditação. Quem amar intimamente a meditação e se dedicar a ela com frequência, terá uma vida muito agradável e na tribulação receberá maiores consolações. A meditação, mais do que qualquer outra coisa, é o que mais afasta a alma do barulho dos atos terrenos; por sua doce tranquilidade já nos oferece de algum modo um gosto antecipado da eterna ainda nesta vida terrena; faz-nos buscar e entender o criador a partir das criaturas, ensina a alma pela ciência e aumenta a alegria, faz com que encontremos o maior de todos os deleites.” Eu acho que isso aqui fala por si só. A meditação ***“afasta a alma do barulho dos atos terrenos”***. O exemplo que eu sempre repito é o de Sêneca, pois foi um grande momento da história da filosofia. E, não o foi por nenhum texto, nenhuma descoberta e nenhuma tese. Mas, Sêneca olhando, quando estava em um jantar, o escravo que carregava os copos e que acabou derrubando bandeja e quebrando os copos. O senhor deste escravo, não sei se o matou, mas o puniu severamente, pois ele tinha quebrado os copos. E Sêneca se compadeceu enormemente. As pessoas pensaram: “nossa! Ele se compadeceu enormemente do escravo.” Não! Ele se compadeceu do Senhor do escravo. Pois, ele não vivia isso aqui. Ele não estava nem um pouco afastado, estava dentro do barulho dos atos terrenos. Vivia em um mundo, onde, veja só! Os copos não quebram. Coitado desse ser! Coitado desse ser que não conseguiu meditar nem por um segundo na sua própria vida e na realidade que o cerca. Que tem os seus afetos movidos como um animal! O sujeito quebra os copos e ele vai lá e se enfurece. O escravo até sentiu dor. Até sofreu dor física. Mas, veja o sofrimento do senhor deste escravo! Este é o pior dos sofrimentos. Este é o sofrimento da pessoa que está metida nos barulhos dos atos de terrenos de que nos fala aqui Hugo de São Vitor.

Ele não diz aqui “afasta-te do mundo”, mesmo que ele esteja escrevendo para monges, até certo ponto, homens que viviam a regra monástica de Santo Agostinho, que era o caso dele. Mesmo assim, ele não fala. Ele escreve isso aqui é para todos. E, afastar-se dos barulhos dos atos terrenos não é se isolar dos atos terrenos, é afastar-se do barulho. Esse barulho é alguém que acaba por quebrar os copos e nós, se nos tivermos afastado desse barulho terreno, não vamos fazer muito caso. O resto fala mais ou menos por si. Esse ***“gosto antecipado da eterna ainda nesta vida terrena”*** não é algo que teremos 100% do tempo. Mas, é um gosto que quando conseguirmos não nos incomodar com os copos quebrados é uma fagulha de céu que há na nossa alma. Essa é uma antevisão, já, da própria vida eterna aqui nesta vida terrena.

“Três gêneros de meditação.” Temos ainda cinco minutos e, depois, vamos para a segunda parte. Vou continuar a leitura e, se precisar, vamos longe (até mais tarde). Quem conseguir ficar por aí, agradeço.

“Há três gêneros de meditação. O primeiro é exame dos costumes, o segundo é a indagação dos mandamentos, o terceiro é a investigação da criação. Quanto aos costumes a meditação discerne os vícios e as virtudes. Quanto aos mandamentos de Deus, vê-se os que são preceitos, os que são prometem, os que admoestam. Quanto às obras de Deus, vê-se as obras criadas pelo poder divino, as obras da sabedoria divina, as obras operadas pela graça. Mais conhecerá estas obras quanto mais dignas de admiração elas forem e quanto maior for o hábito atento de meditar as maravilhas de Deus.” Onde? Tanto nas Sagradas Escrituras, como, também, nos livros, sejam quais forem, de filósofos, dos poetas, dos oradores, etc. Lembrando que no final desse livro tem uma citação. Ele citou São Paulo, ele fala das Sagradas escrituras, mas ele também cita um parágrafo inteiro de um sujeito que era pagão. O grande volume de leitura de um homem no estado de Hugo de São Vitor é, obviamente, as Sagradas escrituras. Até pela liturgia celebrada, onde se cantava esse cantava e se lia os textos do Antigo e Novo Testamento. Se cantava sempre os salmos. Essa é, obviamente, a maior massa de leitura a ser meditada. Mas, o livro de todas as artes sempre leva em conta outros livros. Principalmente os de Platão, no caso desse período de Hugo de São Vitor. E com Platão, o que

é que tenho que fazer? Meditar os costumes, meditar os mandamentos, meditar a criação, meditar as obras da Graça e por aí afora. No fundo, é encontrar a Deus em todas as coisas. Em todas as histórias. Em todas as narrativas. Em tudo aquilo que eu estiver estudando. “Ah, mas estou lendo Homero, aqui tem os deuses pagãos, isso aqui não tem nada de Deus, é tudo do demônio.” Bom, esse é o começo de uma interpretação. Se tu vês uma proximidade da atividade demoníaca com atividade de Hera, de Baco, ou seja, lá de quem for, está no bom caminho. Não pare por aí, pois nunca é só: “isso aqui significa aquilo.” “Ah, Netuno é o mar. É a personificação do mar e Ponto.” Não, nunca é assim. Mas, ali nós vemos a criação de Deus e de algum modo tudo vai nos levar para Deus. Pois, Nosso Senhor diz: “se eu for exaltado na terra eu atrairei a mim todas as coisas.” Tudo! Se são todas as coisas, é tudo mesmo. Pode ser as histórias dos pagãos que não conheceram a Cristo. Pode ser a filosofia antiga, as técnicas arquitetônicas da engenharia dos antigos. Pode ser seja lá o que for. Mas, Cristo vai atrair tudo para si. E é isto que Hugo de São Vitor está mandando que façamos na nossa vida de estudos. Compreender esta atração que Cristo, o Deus feito homem, exerce sobre todas as coisas.

Bom, pequeno intervalo de 2 minutos e já voltamos com nossa Live. Já voltamos com mais leitura e depois com as perguntas respostas. Até já!

Segunda parte:

Estamos aqui no ponto 7. Em que fala sobre guardar na memória aquilo que se aprende, senão, de nada vale. Cada assunto merece uma memorização diferente, merece uma forma de ser guardado. Um soneto, por exemplo, não vale quase nada para ser lido. “Ah, eu li todos os sonetos de Bocage e de Camões. E li mais de Bruno Tolentino e Vinícius de Moraes. Li tudo.” O problema é que esse tipo de texto não é escrito para ser lido. Ele é escrito para ser memorizado. Ele é escrito, como próprio nome diz, para soar. E, se eu não memorizar, ele vai soar mal. O soneto já é curtinho, já é fácil, já tem a métrica facilitada e uma rima que evoca bastante memória para facilitar que aquela única ideia que normalmente há no soneto seja percebida. E é um baita exercício, pois aprendemos a estudar lendo os sonetos. Pegue um soneto e primeiro leia várias vezes e decore. E, conforme fomos repetindo aquilo em voz alta, ou mesmo mentalmente, vamos entendendo o que é realmente ler. Porque sempre vão vindo novas compreensões. Às vezes, estamos lendo outro texto que nos evoca aquele assunto que estudamos no próprio soneto, que é tão curtinho, tão pequeno, tão fácil de ser memorizado. “Ah então é disso! Agora entendi aquele verso... agora entendi aquela imagem... que Camões utilizou aqui... que petrarca utilizou... ou seja lá quem utilizou.” Isso acontece com sonetos e também acontece com textos maiores, e não só de literatura, mas seja lá qual for o assunto. Pode ser ciência. Pode ser física. Pode ser seja lá o que for. Mas, se nós não tivermos esses assuntos na memória, em esquemas, bem ordenados, ou ordenados sempre da melhor forma, será difícil. Vamos passar de um assunto para outro como fazíamos na escola. Estuda isso...depois, daquilo... depois, mais aquilo. E vai esquecendo o que foi estudado antes.

“A memória recolhe e guarda tudo o que o engenho busca e encontra. É importante que as coisas que divisamos quando aprendemos sejam entregues à memória. Entregar à memória é resumir em uma breve suma tudo aquilo que foi lido e meditado de forma mais ampla;” Então, meditamos e lemos o livro inteiro e com calma. Não fazendo esqueminhas assim: “Ah, então eu vou resumir um parágrafo todo. Cada parágrafo vou transformar em uma frase.” Não! Leia o livro e vai guardando na memória. Conta aquilo para ti mesmo. Dá uma aula sobre cada parágrafo para ti mesmo, como estamos fazendo aqui. Leio e faço um comentário. É a minha compreensão e a minha interpretação. Breve, não é? Pois, eu poderia

ficar falando muito mais sobre isso. E se passasse alguns dias e eu lesse algum livro que eu lesse algum livro que fizesse referência a este mesmo assunto, eu poderia inserir mais elementos e tudo isso. Eu não estou fazendo nada mais aqui que o próprio processo que faço quando leio um livro, quando eu pego num texto e vou ler. Exatamente com essas palavras que estou dizendo, aqui para vocês, é o que faço mentalmente. É o que todos nós, mesmo que inconscientemente, fazemos quando somos bons estudantes. Sendo que, eu não sou o melhor estudante, que pelo menos eu conheça. Com certeza, se eu já conheço muita gente mais capaz para os estudos do que eu, é provável que existam muito mais. Então, essa é a importância de guardar na memória, ou então, não valeu de nada. Não é estudo nenhum.

“Apraz-se a memória humana com a brevidade”, o que de um jeito mais direto quer dizer que a memória gosta muito de brevidade, ***“quando é dividida em muitas partes, ela se torna menor em cada uma delas. É por isso que devemos, em todos os estudos, entregar à memória de forma breve tudo aquilo que for certo; devemos guardar na arca da memória para que, se necessário, possamos dali retirar.”*** Então, temos que ter aquilo à mão. Por exemplo, eu estou estudando Aristóteles e no texto se fala sobre as quatro causas. Quais são as quatro causas? Se eu não tiver memorizado o nome das causas e só dizer: “aí Aristóteles tem um negócio lá de causa... eficiente... aí tem um negócio de forma e tal... E mais umas outras lá. Eu estudei isso aí.” Estudou nada! Isso aí não foi estudar. Isso aí você só leu e por acaso algo ficou na memória. Mas estudar é quando eu consigo dizer: “o que são as quatro causas? Existe a causa formal, a causa eficiente, causa final e causa material.” então depois: “causa formal: forma.” E vou desmembrando o conceito de forma. Como uma catedral gótica, que tem uma ponta que vai descendo e se desmembrando em diferentes ramos até chegar ao chão. Assim é a memória. Assim é a nossa vida de estudos em que tudo tem que estar interligado no mesmo ponto e passando de ramo em ramo, descendo nessas colunas todas até embaixo. Sempre se expandindo cada vez mais.

“É por isso que devemos, em todos os estudos, entregar à memória de forma breve tudo aquilo que for certo; devemos guardar na arca da memória para que, se necessário, possamos dali retirar. Também é necessário revirar as coisas que estão na memória com frequência e chamá-las à consciência para que não fiquem obsoletas pela longa espera.” Isso aqui, não está dito aqui no texto, mas o que isso me evoca, por exemplo? Qual é a melhor forma de exercitar isso aqui que ele está falando? De aplicar aquilo mesmo que ele disse sobre o exercício, sobre a diligência sobre a disciplina com relação à memória? Para mim, é ensinar. E isto pode ser feito de formas diferentes. Posso simplesmente escrever com frequência. Mas, tendo em vista um interlocutor. Não escrevendo para mim mesmo, isso aí é algo bem difícil de fazer e é, na verdade, terrível. Pois, daí nós não nos esforçamos por usar da língua para explicar as coisas o melhor possível. Nós sempre pensamos: “Ah, mas vou entender o que escrevi.” Não! Escreva para alguém, para uma pessoa que não é tu mesmo, que não tenha as mesmas experiências que tu, para que possa compreender o que tu estás dizendo. Isto é ensinar! Converse sobre o assunto. Tenha alguém para falar sobre aquilo. Se não tiver, que seja imaginário. E se tiver a possibilidade de dar aula é melhor ainda. Quantos grandes filósofos, homens de estudo e homens de gênio não foram também professores? Não que todos os professores tenham sido homens de gênio. Mas, normalmente os homens de gênio foram aqueles que ensinavam e que estavam cumprindo isto que Hugo de São Vítor diz aqui. E que não foi ele que inventou. Ele simplesmente observou a vida dos sábios como espelho, que é algo que ele já tinha dito antes, e viu: “Ah, isso aqui funciona. Isso na vida dos sábios sempre funcionou: ‘Revirar sempre aquelas coisas ali na memória.’” E não dizer assim: “Ah, disso eu já falei. Isso eu já ensinei uma vez. Já dei esse curso. Não tem mais nada para dizer sobre esse assunto.” Sempre há. Sempre há o que dizer. E é importante que as mesmas coisas sejam ditas várias vezes, senão para o bem dos ouvintes, o que normalmente ao caso, para o bem do próprio locutor.

"Três visões da Alma racional: na alma racional há três visões: o pensamento, a meditação e a contemplação. O pensamento é quando a noção de algo toca a mente de forma transitória; é quando a coisa em si se apresenta à alma através de sua imagem, tanto ao entrar pelos sentidos, quanto ao brotar da memória." Então, aqui, imaginação ou pensamento é a tradução para a palavra *cogitatio*, que tem a ver com *imaginatio*. Lembrando que a terminologia aristotélica não é de todo conhecida de Hugo de São Vitor, que ainda segue a tradição agostiniana, que é muito mais platônica. E, nessa parte aqui que é muito mais de gnosiologia, de teoria das ideias, de teoria do pensamento, a nomenclatura não é a mesma. Mas, o que ele está falando é a mesma coisa que Aristóteles falava, só que com outros termos.

"A meditação é reconduzir frequentemente o pensamento ao nos esforçarmos para explicar algo obscuro ou buscarmos penetrar no que há de oculto." Ou seja, meditar é domar essa imaginação. Meditar é dar um rumo para cada coisa e organizar tudo isso. De forma que, possamos compreender aquilo que pensamos e aquilo que imaginamos. Então, se lemos um livro, entram diversas imagens na nossa mente. E precisamos meditar nelas, compreender as verdades de cada elemento que está ali. Quando olhamos para a natureza é a mesma coisa. Não adianta ter as imagens da natureza, as paisagens e os fatos todos que vão acontecendo diante dos meus olhos, e dos meus sentidos, e não consigo relacionar um com o outro, os efeitos com as causas e tudo isso. É isso que faz a meditação. Nós vimos aí o pensamento. O pensamento, como organiza Hugo de São Vitor, é a primeira coisa. A meditação é esse segundo momento. O momento de pôr ordem nas coisas.

"A contemplação é a visão minuciosa que a alma pode ter quando está livre da dispersão." Então, a contemplação é um fruto desse trabalho de leitura e meditação. Contemplar tem a ver com templo. Os templos, dos pagãos ou dos hebreus, são principalmente espaços em que de um ponto qualquer eu consigo enxergar tudo. As igrejas não têm tanto essa função. Se segue para outro rumo quando falamos de igrejas. Mas, o templo é onde se tem organizado todas as coisas. Todo o conjunto de símbolos. Todo o conjunto de formas. Onde tenho espaço certo para cada coisa. O templo é um espaço certo para cada coisa. Mas, normalmente, quando entro em um templo, eu consigo enxergar tudo. Não faz sentido um templo cheio de cômodos e corredores. Se entro em uma catedral, a ideia é que eu consiga enxergar tudo. Con-tem-plar. Deixar tudo dentro do templo. Então, depois de ter estudado, meditado e organizado tudo, a contemplação é uma visão minuciosa. Não no sentido de olhar cada coisa em si, mas de conseguir enxergar com minúcia o todo. Ou seja, tudo aquilo que eu já estudei. Tudo aquilo que eu já li. Tudo aquilo que eu já meditei. "Ah, mas como é essa experiência?" É muito difícil de descrever, mas ela existe. E não é só para as almas elevadas e para os estudantes que fizeram grandes progressos nos estudos. Não! A contemplação acontece mesmo para uma criança que está dando seus primeiros passos nas letras. Há momentos em que nós realmente conseguimos ter uma visão total das coisas. Das coisas que sabemos, não é? Não de toda a realidade. Só Deus tem essa visão total. Só Deus é onisciente. Só Deus compreende tudo. Mas, assim como criamos as coisas à imitação de Deus, nós temos uma mini visão total, se é que é possível, brincamos de ter essa onisciência. Assim como nós quando fazemos qualquer coisa na vida, nada mais parece que uma brincadeira de criar, de agir como se fossemos criadores de alguma coisa, quando, na verdade, não somos. Nós somos aglutinadores de vários elementos já criados por Deus e já existentes em potência. E, essa visão é a mesma coisa. Com a contemplação é mesma coisa. Como se tivéssemos em um templo e conseguíssemos só com o mover dos olhos enxergar tudo e compreender tudo aquilo sem nos movermos. Sem termos que focar nessa coluna, naquela arte do templo, ou nesse Vitral, ou naquela não sei o quê, ou nesse altar. Mas, com aquela visão bastante ampla que conseguimos ter das coisas.

"A diferença relevante entre a meditação e a contemplação é que a meditação sempre trata das coisas ocultadas ao nosso entendimento. E a contemplação é sempre sobre as coisas

que se manifestam segundo a sua natureza ou segundo a nossa capacidade. Também a meditação busca alguma coisa única, enquanto que a contemplação se amplia na compreensão de muitas coisas ou de todas as coisas. Então, a meditação vai focar, como dissemos, em ver o altar do templo, em ver isso, ver aquilo e em compreender tudo. E a contemplação é como se fôssemos elevados ao ponto central do templo, no ar, e conseguíssemos olhar desde o chão até o teto, as paredes e tudo que há ali. ***"Sendo assim, a meditação é quando a mente vaga com curiosidade, uma busca sagaz do que é obscuro",*** ou seja, do que é difícil de ser entendido; ***"um desatar do que é embaraçado. A contemplação é uma vivacidade da inteligência que abarca todas as coisas numa visão plenamente manifestada, de tal forma que o que a meditação busca, a contemplação possui."*** Buscar e possuir é a grande diferença. Meditar é tentar encontrar. É o nosso esforço por encontrar as coisas. E a contemplação é a certeza de que já encontramos e agora ninguém nos tira. Então, a contemplação só é possível quando nós já meditamos o bastante, lemos o bastante e memorizamos as coisas. Aí sim é possível ter essa visão.

"Os dois gêneros de contemplação." ***"Mas há dois gêneros de contemplação. O primeiro pertence aos principiantes que consideram as criaturas. O segundo e o último pertence aos perfeitos, que contemplam o Criador."*** Isso aqui é princípio de toda ciência teológica. Não é possível entendermos nada do Criador, a não ser a partir das suas criaturas, nas quais existe uma centelha, uma chama de vida, uma semelhança com Ele. As coisas se parecem com o seu criador e sempre tem algo a dizer do seu criador. Tenho certeza, absoluta certeza, por exemplo, mesmo sem nunca ouvi falar do sujeito que fez este computador que ele sabe o que é um computador e que ele sabe muito mais do computador do que eu. Eu não sei o nome dele. Eu não sei onde ele mora. Não sei se ainda está vivo. Mas tenho certeza a partir disso. Vocês também têm certeza de várias coisas. Quando vemos algo feito por um homem, temos várias certezas sobre quem fez aquela coisa. Se vemos uma cadeira, nós temos certeza de que quem a fez sabia serrar madeira, sabia medir, sabia pregar, e sabia fazer várias outras coisas. Sabia que tipo de madeira era mais apropriada. Sabia usar verniz. Então, nós temos várias informações de alguém que não conhecemos. É a mesma coisa com Deus. Nós olhamos para as criaturas, dentre os quais nós mesmos estamos inseridos, e, a partir daí podemos conhecer um pouco mais do Criador. Então, o primeiro gênero de contemplação é esse olhar para as criaturas e o segundo é quando conseguimos tirar essa conclusão sobre o próprio criador.

"No livro dos Provérbios, Salomão começa meditando; no Eclesiastes ergue-se ao primeiro grau da contemplação; e, por fim, no Cântico dos Cânticos, transporta-se ao grau supremo." Só isso aqui já é uma boa leitura, pegar esses três livros de Salomão e dá uma olhada nisso. Ler os três livros e ter essa ideia em mente. Focar nessa ideia. Primeiro nesta busca de Salomão pelas coisas mais individuais. Depois, no Eclesiastes, a busca pela contemplação das criaturas. E, por fim, o Cântico dos Cânticos, onde ele contempla o próprio criador. Se aproxima do próprio criador. Sendo que é o mais mítico e o mais lírico. Com uma linguagem totalmente poética. E a própria linguagem que ele está usando, talvez, neste livro, é a que mais se aproxima das criaturas. Porque não há como falar do Criador, senão através de imagens das coisas visíveis. Falar do Criador que é invisível é por suas próprias criaturas, mesmo depois de nós já termos compreendido tanto sobre Ele.

"Para que possamos distinguir estas três coisas com seus nomes adequados, diremos que a primeira é meditação; a segunda, especulação; a terceira, contemplação. Na meditação a perturbação das paixões carnis surge para obscurecer a mente." Aqui já são dicas e conselhos bem práticos dizendo: "olha, isso vai acontecer, em um primeiro momento serás tentado com as paixões carnis." ***"na especulação a novidade da insólita visão a levanta à admiração; na contemplação o gosto de uma extraordinária doçura a transforma toda em***

alegria e contentamento. Portanto, na meditação temos solicitude; na especulação, admiração; na contemplação, doçura."

"As três partes da exposição." Aqui já é outra coisa. Já são conselhos mais para a própria docência. Para que se exercite tudo isso através do ensino. Então, quando Hugo de São Vítor fala de exercício, ele está falando, principalmente, de ensinar. Aquele que estuda é o mesmo que ensina.

"A exposição contém três partes: a letra, o sentido e a sentença. A letra é a correta ordenação das palavras e que chamamos também de construção." Esta não é a mesma linguagem que nós usamos hoje em dia, nem na linguística e nem na gramática. Mas, é a linguagem que se usa em retórica antiga e, principalmente, dentro da mais simples tradição cristã de homilética, de ensino das Sagradas Escrituras. ***"O sentido é um delineamento simples e adequado que a letra tem diante de si como uma primeira impressão. A sentença é uma inteligência mais profunda que não pode ser encontrada a não ser pela exposição ou interpretação."*** Isso aqui nada mais é do que os níveis da leitura. O primeiro nível da leitura é, Mortimer Adler fala dele, neste mesmo sentido, a leitura elementar. O que tem a ver também com a escola, elementary school, com aprender as letras. Primeiro, as letras. Depois, as palavras com as próprias coisas que elas simbolizam. A segunda é relacionar o sentido. E a terceira é conseguir enxergar um pouco além disso, o que é leitura alegórica. A leitura alegórica é saber identificar as figuras de linguagem. É saber, por exemplo, usando um texto citado aqui, o Cântico dos Cânticos, que ali Salomão não está falando de gazela nenhuma. Até porque, ele diz "meu amor é COMO uma gazela". Todas aquelas imagens as quais ele se refere não são exatamente o que ele está falando. Assim, dessa tradição segue Camões que fala da Ilha dos amores como o grande prêmio que os portugueses receberam. Obviamente, ele não está se referindo àquilo como fato histórico, mas sim como uma imagem mítica que foi a única forma que ele encontrou para expressar a glória dos portugueses pelos seus feitos, esses sim históricos. Isso é dado, segundo Hugo de São Vítor, pelo segundo nível de leitura que chamamos leitura alegórica.

"Para que uma exposição se torne perfeita, precisa-se primeiramente da letra, depois do sentido e por último da sentença." ou seja, precisamos que haja essa mesma prática da leitura na cabeça de quem escreve e de quem fala. É preciso se fazer entender e não é possível escrever ou falar de uma forma purinha onde cada palavra significa exatamente a mesma coisa e vão ser entendidas da mesma forma por todas as pessoas. Pois, as pessoas têm conhecimentos diferentes, têm talentos diferentes, têm naturezas diferentes. E a exposição, para ser boa, tem que se preocupar com o processo natural que existe na própria inteligência do homem. E o Hugo de São Vítor fala primeiro em pensamento, meditação e contemplação.

"Os três gêneros de vaidades." Aqui já é outro assunto. Hugo de São Vítor começa falando da humildade e aqui, mais ou menos, fecha o texto. Depois, teremos ainda mais um ponto em que ele fala sobre a eloquência e sobre as obrigações do professor em si e da adolescência em si. Mas aqui o texto já está terminado. Ele diz assim: "humildade é importante." Começa com algo positivo. E agora está falando da vaidade, que é o contrário, o vício contrário a humildade.

"Há três gêneros de vaidades. O primeiro é a vaidade da mutabilidade, que está em todas as coisas perecíveis por sua própria condição. O segundo é a vaidade da curiosidade ou da cobiça, que está na mente dos homens por um amor desordenado às coisas transitórias e vãs. O terceiro é a vaidade da mortalidade, que está nos corpos humanos por suas penas." Esse ponto é muito complicado. Hoje não faz, a princípio, sentido nenhum. Vaidade é uma vanglória, a vontade que tenho de aparecer. A Imitação de Cristo, que é um livro 300 ou 400 anos mais para frente do que o Hugo de São Vítor, vai focar muito nisso, principalmente falando a estudantes. Falando ao homem de letras sobre a vaidade dos estudos. Quem busca ciência tendo como fim essa vanglória tem como fim a sua própria vaidade. O que se diz aqui

que o primeiro gênero de vaidade é mutabilidade, na verdade. Significa que a primeira forma de combater a vaidade é lembrar que as coisas mudam, elas são perecíveis. Não adianta eu me vangloriar da minha aparência, ou dos meus bens. "Ah, porque eu tenho cavalo...que não sei o que tal... Que é muito premiado... e tenho uma junta de bois..." Isso não vale de nada. Até porque essas coisas perecem. O segundo é *"a vaidade da curiosidade ou da cobiça, que está na mente dos homens por um amor desordenado às coisas transitórias e vãs."* Na verdade, é como o ponto anterior, só, que aplicada essas coisas. Essa cobiça, esse desejo que impulsiona a minha vaidade. Esse desejo de cobiça. E o terceiro é a mortalidade, ou seja, vamos morrer. De nada vale ser vaidoso por que Isso vai acontecer com todos nós. Vaidade porque se nós todos vamos morrer? Podemos buscar conhecimento, podemos buscar aplicar todas as técnicas de Hugo de São Vítor por motivos de vaidade. E aí, sim, essas coisas serão perecíveis de certa forma. Na verdade, é impossível. É muito esforço, muita disciplina, muito exercício, como diz aqui. Impossível que façamos isso. Mas o que realmente fica. O que realmente vale a pena. É a leitura, é a contemplação, é a meditação. É essa vida de estudos

E abrindo um parêntese. Nem Hugo de São Vítor e nem ninguém, a não ser algum herege, afirmou que esse é o único caminho de salvação; nem que todos aqueles que verão a Deus são pessoas que dedicaram a vida a aplicar técnicas e se esforçar pelas leituras, conhecimento da Lei, exercitar sua memória, etc. Não! De forma alguma. Hugo de São Vítor começa a falar da natureza humana e reconhecendo que há pessoas a quem foi dado isso. Foi dado uma natureza para que compreendesse as coisas, para que entendesse os livros, para que tivesse condições intelectuais de compreender mais a Deus e ensinar os outros, de anunciar a Boa Nova, de ser eloquente, etc. E essas pessoas a quem foi dado, mais lhes será cobrado. Hugo de São Vítor está aqui prestando um favor, principalmente a essas pessoas, que normalmente estão muito abaixo na lista dos que verão a Deus do que aquela própria senhorinha analfabeta que recita o seu Rosário confundindo os mistérios, confundindo o nome dos Apóstolos, confundindo tudo. Mas que está, com a maior fé, realmente fazendo isso muito melhor do que nós que estamos aqui dedicados a ler um texto medieval, estudando teologia, filosofia, artes liberais e todas essas coisas. Com isso, então, eu termino aqui.

Perguntas:

E vamos agora para as perguntas. Algumas perguntas já haviam sido enviadas; algumas muito boas.

P: *Quais os três livros que ele tinha na memória?*

R: Ele quem? Hugo de São Vítor? Eu falei também de alguns outros autores e tal. Bom, essa coisa de ter livros inteiros na memória era uma prática bastante comum. Por exemplo, alguém que vive em um mosteiro e segue uma regra religiosa, como a de Santo Agostinho, como era no caso de Hugo de São Vítor, ou a de São Bento, depois de um ou dois anos tem pelo menos todos os salmos de memória e tem todos os Evangelhos de memória por ouvir a missa todos os dias e tudo isso. Acaba por ter vários livros de memória. Era bastante comum na Idade Média ter alguns modelos literários, por exemplo, também de memória. A Eneida era o preferido para isso. O pessoal simplesmente decorava a Eneida. E olha, não é uma coisa impossível. Talvez não seja tão útil hoje em dia, mas tenho certeza que não é esforço vão se um de nós se dedicasse a decorar Os Lusíadas. Eu já fiz um cálculo, mais ou menos: se por dia for memorizado uma oitava de Os Lusíadas, em dez anos se memoriza toda a Epopeia. E uma oitava por dia não é muito. Vocês vão ver que é bastante fácil memorizar uma oitava por dia. Eu acordo. Leio. Leio aquela oitava uma vez, duas vezes. Daqui a pouco, antes do almoço, leio mais uma. Mais duas. Então, fico tentando repetir. E quando não consigo e me esqueço, dou uma lida. "Ah, é isso. É isso. Agora eu sei, esqueci do início do verso." Durante um dia é fácil decorar uma oitava. Às

vezes até bem mais de uma. E em 10 anos funciona. É uma questão muito mais de persistência do que de talento e capacidade da memória. Isso fará com que realmente sua língua se desenvolva enormemente. Que seu senso de harmonia se desenvolva. Fora os benefícios que eu nem falei aqui. Mas vocês podem perguntar para um neurologista o benefício do exercício da memória para evitar doenças tão tristes quanto é o Alzheimer e essa coisa toda.

P: *Quando ler e quando meditar?*

R: Ao mesmo tempo. A leitura e a meditação se dão ao mesmo tempo. Na próxima leitura, já penses nisso. Meditar já é aquela imagem que eu consigo criar na mente da cena acontecendo, da voz dos personagens, etc. Isso já é o início da meditação. E, quanto mais profunda for essa imagem, é disso mesmo que Hugo de São Vitor está falando. Então, eu vou ler Homero e eu consigo sentir o cheiro do mar enquanto eles estão navegando. Consigo sentir o frio das ondas afundando a nave. Eu estou ali junto. Estou em uma reunião do Olimpo. Consigo sentir o perfume que sai dos copos de ambrosia e néctar que estão sendo servidos pela deusa Hebe. Isso já é meditar. "Ah, mas estou lendo um livro de filosofia que fica só falando de metafísica, do ente e tal." Bom, meditar nesse caso é conseguir ler aquilo e gradualmente ir aplicando as próprias realidades e a própria compreensão que tenho do universo inteiro, relacionando com outros livros. É por isso que não se deve mexer com filosofia assim *de cara*, pois ainda não tenho estômago para isso. Quer dizer, eu estou tentando fazer a digestão de barriga vazia. A meditação já começa no início.

P: *Como se dá a contemplação?*

R: Acho que essa pergunta já foi respondida aqui no finalzinho da nossa leitura. Pensa em *templo*. A palavra *templo* está ali e não é por acaso. Pensa em ti dentro de um templo. No ar. Sendo capaz de olhar para o chão, para cima, para todos os lados. Olhar para tudo e conhecer tudo estando no meio desse templo. Estando *com o templo*. Pensa nisso aí. Mais ou menos essa é a ideia. Muito mais do que isso, mas é mais ou menos essa a ideia.

P: *São Tomás estudou Hugo de São Vitor?*

R: Sim. São Boaventura, por exemplo, contemporâneo de São Tomás que cita Hugo de São Vitor, diz, ao falar de grandes mestres em cada um dos ramos da teologia, da teologia mística, da teologia moral, "e Hugo de São Vitor, que é mestre de todas essas." Hugo de São Vitor é o mestre de tudo. É o maior dos Mestres. No tempo de São Tomás, Hugo de São Vitor ainda era considerado o maior teólogo de todos. "Alter Augustinus" ele era chamado. O maior teólogo era Santo Agostinho. E Hugo de São Vitor? Era o outro Agostinho. Bom, alguém que merece esse apelido não é pouca gente.

P: *O que é ser erudito?*

R: Ótima pergunta. Muito boa. Erudição é o mesmo que se alimentar; é comer. E não dá para viver só de pão. Nem só de carne. Nem só de leite. Eu preciso de uma variedade de alimentos que me deem a quantidade que eu preciso de ferro, de potássio e os outros vários elementos químicos que eu preciso dentro do meu corpo que são processados pelo meu estômago e por todo meu aparelho digestivo e que, então, vão para o sangue, e assim o meu corpo pode funcionar. E a erudição é realmente ter esses alimentos. É um dos primeiros passos e uma das coisas mais necessárias para quê eu, depois, possa fazer o resto do trabalho. Senão o meu corpo vai estar sempre buscando fazer uma digestão que ele não consegue. Então, a erudição é buscar

essa comida. Mas não adianta nada para quem tem um problema no estômago. Pois, às vezes, eu como e aquilo me faz mal. Então, essa imagem de comer da erudição é isso. E como adquiro essa erudição? Pelos mesmos meios de qualquer outra coisa, só que nesse caso, são meios da alma. Pois o estudo é próprio da alma racional, a parte que diferencia o homem dos animais, que é a razão. Algo desse campo.

Assim, como comer é igual em todos os animais, nós também o fazemos assim como as plantas. Porém, há certas coisas que são próprias só do homem. Como é, por exemplo, essas atividades intelectuais que são próprias da razão humana. Isso só é transmitido de alma para alma. Pode ser captado pelos sentidos, mas se forma dentro da alma, dentro da própria razão. Então, quando olho para uma pedra, a pedra não entra na minha cabeça. Mas, entra algo, também visível, da pedra na minha cabeça. Entra a essência. Mas, estou evitando ao máximo aqui usar a terminologia de Aristóteles e mais filosófica para falar sobre isso. Estou tentando usar as imagens mais simples possíveis.

E erudição é conhecer as coisas. Conhecer as coisas que me são passadas através da minha atividade psíquica. Quando se fala em psicologia, se fala das emoções, de problemas e traumas e não sei o quê. Não! Estou falando da atividade psíquica em si. Por exemplo, somar $1 + 1$ é igual a 2. Mas, 1 o quê e 2 o quê? É uma pedra mais outra pedra que é igual a 2? Ou é uma maçã mais uma maçã é igual duas maçãs? Não, todas. Isso só a gente consegue fazer: abstrair da realidade. É aquela piada do Chaves: "se eu tenho 5 maçãs e como uma, com quantas fico? Ah, eu sabia só com laranjas." Não, na matemática a gente consegue fazer isso só com a razão, sem precisar das coisas em si para conceber os números, por exemplo.

A erudição é conhecer várias coisas que serão os elementos do meu próprio pensamento. Serão a comida com a qual eu farei a digestão. Se não eu não tenho como fazer a digestão, acabo definhando e o meu próprio corpo começa a se auto-digerir. Os ácidos do próprio estômago começam a dissolver o estômago, pois ele não tem o quê fazer. Eu morro. É isso que acontece se eu não como. E se me falta água também. O corpo começa a sugar que água que há ali e eu morro. Com a minha inteligência é a mesma coisa. E isso depende. Tem pessoas que comem mais e tem pessoas que comem menos. Gente muito grande come mais que gente muito pequena. E, o tamanho do nosso estômago intelectual, digamos assim, também varia. Mas não devemos nunca presumir: "ah, eu sou muito burro, eu sou isso, eu sou aquilo." Falsa modéstia também é problemático. E a gente pode fazer uma cirurgia bariátrica ou contrário no nosso estômago intelectual. Nós podemos, em vez de, como na bariátrica, ir diminuindo o tamanho do estômago para comer menos, com a atividade intelectual vai aumentando. E esse é o nosso interesse. E sempre fazer com que nós possamos crescer nisso. Nos tornarmos capazes de grandes banquetes, ao ponto de que nosso estômago intelectual esteja preparado para receber na mesma refeição, sushi, churrasco, mocotó, stroganoff, pizza, vinho e cerveja ao mesmo tempo. E que dentro do nosso estômago, nós possamos digerir isso e acordar no outro dia muito bem, sem termos nenhum trauma. A erudição é essa variedade de comidas que eu preciso ter na melhor medida, na medida exata. Então, do que conheço, um pouco da minha comida é a música. Um pouco da minha comida é literatura. Um pouco da minha comida é simplesmente olhar a natureza e conhecer seus efeitos e seus processos, que as ciências nos explicam. Conhecer a matemática. Conhecer a história. A arte em si. Tudo isso é erudição. É material que vou ter para fazer minha própria digestão.

P: *É o mesmo engenho que fala no Didascalicon?*

R: Sim. Mas, Hugo de São Vítor não é um autor que determina o seu vocabulário de forma específica. "Ah, engenho para Hugo de São Vitor é isto..." É inútil tentar fazer um vocabulário como se faz, sei lá, "Vocabulário de Foucault", "vocabulário de Sartre." Isso aí é mais para

filósofo moderno, que tentou explicar palavra por palavra que ele mesmo estava utilizando para falar de alguma coisa que normalmente não precisava ser dita. Mas, em qualquer texto antigo, medieval ou renascentista as palavras são usadas de uma forma muito mais ampla. Então, o que significa engenho para Hugo de São Vitor? Significa talento, como é o que significa para Camões, por exemplo. Significa inteligência. Significa tendência. Significa criatividade. Inventividade. Tudo isso significa engenho. "Ah, mas, qual desses? Eu quero traduzir." Esse é o problema. A gente fica tentando traduzir tudo. E a gente quer usar a palavra específica. Então, traduz e põe ao lado entre parênteses várias outras palavras. Assim é a melhor forma de compreendermos um texto que não foi escrito por nós mesmos. E mesmo quando somos nós que escrevemos, queremos que a palavra tenha vários sentidos ao mesmo tempo, pois assim são as palavras. Elas não são números. Não há uma equação que defina as palavras. Eu tenho a palavra, tenho a definição. Não é como escrever no lugar do número 9, 3×3 . É a mesma coisa. É o mesmo número escrito de duas formas diferentes. As palavras não são assim. As palavras, seguindo com a mesma imagem, é algo assim: "Ah, o que é 9? É 3×3 . Mas também é $3+3+3$. 9 é $5+4$." Isso tudo é nove. Engenho é a mesma coisa. "Ah, engenho é talento... engenho é criatividade... engenho é tendência... engenho é inteligência em certo sentido." Sempre em certo sentido. Mas, não é como na matemática que é exatamente a mesma coisa. Não! É uma palavra para simbolizar uma coisa, que por ser invisível e difícil de ser definida, eu preciso de todo um mito e tal. Diferentes usos daquela palavra para compreender realmente a sua força real. A palavra tem força. Em latim, para dizer "o sentido da palavra" se pode dizer *sensus*, mas normalmente se usa a palavra *vis*. Então, eu digo: "*verbum vim habet*". O verbo tem uma força. Essa força é o sentido. É o que ela é capaz. Essa capacidade de expressar que as palavras têm.

P: Seria uma espécie de holística?

R: Olha, ninguém nunca me definiu o que é holística. Assim, pela etimologia da palavra, conhecimento total, eu acho que não. Principalmente, por que quando a pessoa vem com esse papo de holística, o cara leu um livrinho de 150 páginas sobre a mitologia grega. E depois, um outro livro sobre Jesus Cristo dizendo que Ele era astronauta. Depois, três milhões de coisas sobre o budismo tibetano e hinduísmo. E ele fala que tem conhecimento total das coisas, quando, a própria cultura dele, ele não conhece. Então, não sei o que é essa bendita holística nesse sentido. Se for holística no sentido mesmo da palavra, é claro. Pois, esse é o desejo maior de qualquer mente humana. O conhecimento mais amplo do todo, conhecimento total, mesmo sabendo que é impossível. Mas, senão, se for qualquer coisa diferente disso, não seria o caso.

Muito bem pessoal. Agradeço a todos a presença de vocês, realmente e de coração. Agradeço muito! Acompanhem, então, o nosso perfil do Instituto Hugo de São Vitor. Podem me seguir também no perfil @magisterclistenes. Estou sempre a disposição para ajudar com aquilo que eu puder. Muito Obrigado a todos, e até a uma próxima vez.